

A LITERATURA AFRICANA NO ENSINO MÉDIO COMO INSTRUMENTO PARA A MUDANÇA DE POSTURA NA DIREÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Karina Lobo Magalhães Castro¹ (UFAM)

Paulo M. Nunes² (UNAMA)

RESUMO

Este artigo tem o intuito de apresentar uma proposta metodológica – resultado de uma experiência como docente em uma escola pública da rede estadual de Manaus – voltada à utilização da Literatura Africana como importante instrumento para a mudança de postura na construção de uma educação antirracista, direcionando-se especificamente para aplicação da metodologia em uma turma do 2º ano do Ensino Médio. Com embasamento na Lei Federal 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura e história afro-brasileira e africana nas instituições de ensino, assim como nas Diretrizes Curriculares Nacionais que a implementa na educação brasileira, busca-se uma compreensão acerca da importância do ensino da literatura africana para uma educação antirracista, tomando como alicerce, principalmente, os estudos do antropólogo Kabengele Munanga que versa sobre temas como: negritude, mestiçagem e identidade negra no Brasil, assim como seu reflexo no contexto da educação brasileira. Nessa perspectiva, pretende-se utilizar o debate acerca dos textos Grito Negro, de José Craveirinha, e as Mãos dos Pretos, de Luís Bernardo Howana, de uma forma dinâmica e motivadora, com o intuito instigar os alunos a refletirem sobre a visão ainda preconceituosa sobre o negro, transformando-os em agentes no combate ao preconceito racial dentro e fora do ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito Racial. Educação Antirracista. Kabengele Munanga. Literatura Africana. Lei Federal 10.639/03.

INTRODUÇÃO

Após a promulgação da Lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africanas nas escolas na educação básica, muito se tem discutido a respeito da implementação dos conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileiras no âmbito de todo o currículo escolar, porém pouco se tem dito a respeito da necessidade de uma metodologia específica para tal propósito, visto que muitos

¹ Karina Lobo Magalhães CASTRO. Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
karinalmcastro@gmail.com

² Paulo M. NUNES. Universidade da Amazônia (UNAMA)
pontedogalo@ig.com.br

professores que obtiveram graduação antes da lei – alguns até mesmo depois –, não tiveram formação adequada para ministrar aulas voltadas para abordagem de temas relacionados à história e literatura africanas.

Este artigo pretende abordar uma proposta de metodologia a ser trabalhada, com o intuito de utilizar a Literatura Africana como importante instrumento para a formação de uma postura antirracista dentro e fora do ambiente escolar. Visto que, ainda hoje, há resquícios dos mais de 350 anos em que os negros foram escravizados no Brasil, que deixaram algumas marcas, mesmo que inconscientemente, na população do país, trazendo a imagem do negro como ser inferior tanto no âmbito econômico, como no social e cultural. Tal visão depreciativa foi constatada por diversas pesquisas sociais realizadas, assim como também nos mostrou o escritor Gorender (2009), em seu livro *Brasil em Preto e Branco*, pois, mesmo após tantas décadas terem passado, a sociedade contemporânea ainda apresenta resquícios evidentes da sociedade escravocrata, assim, “os negros deixaram de ser escravos, porém assumiram, em grande parte, a condição de pobres e de indigentes. A eles se juntou uma parcela da população branca para compor a base da nossa pirâmide social.” (GORENDER, 2009. p. 88)

Para este propósito, a princípio fez-se válido esboçar algumas considerações sobre a importância do ensino da Literatura para a construção do ser e do saber do aluno, em seguida, explanou-se, em síntese, os principais temas tratados nas Literaturas Africanas, tomando como base, principalmente, os estudos do antropólogo Kabengele Munanga que versa sobre temas como: negritude, mestiçagem e identidade negra no Brasil, assim como seu reflexo no contexto da educação brasileira. Subsequentemente, foram apresentados os textos utilizados na aplicação da metodologia, o poema *Grito Negro*, de José craveirinha, e o conto *As mãos dos pretos*, de Luís Bernardo Honwana, ambos os escritores moçambicanos. Juntamente com a apresentação dos textos, as possibilidades das temáticas trabalhadas relacionadas à postura antirracista.

1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LITERATURA AFRICANA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A literatura é um direito de todo ser humano, nos diz Candido (1995), e tais direitos estão ligados a tudo que nos é indispensável, assim como é fator essencial para a humanização. Sobre tal consideração, o autor acrescenta:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós uma quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995. p. 249).

Nesse sentido, tendo a escola como *locus* de reconhecimento e de respeito às diversidades culturais, atribui-se ao ensino das Literaturas Africanas como importante mediador nesse processo dialógico entre culturas e identidades, rompendo muitos preconceitos e paradigmas que, historicamente, estão incrustados na sociedade. Nesse aspecto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no que se refere às ações a serem desenvolvidas nas séries iniciais, reforçam a questão criando o documento de Pluralidade Cultural que versa sobre a as diversidades identitárias que convivem na sociedade brasileira, voltando-se para a superação da discriminação e da exclusão. Sendo assim, o que é posto e proposto pelo documento de Pluralidade Cultural “é o desafio de a escola se constituir em um espaço de resistência, isto é, de criação de outras formas de relação social e interpessoal mediante a interação entre o trabalho educativo escolar e as questões sociais, posicionando-se crítica e responsabilmente perante elas.” (Secretaria de Educação Básica – MEC, *apud* PEREIRA, 2010. p. 18).

No tocante ao tema da pluralidade cultural, há inúmeras questões que nos levam a pensar sobre temas como problemas relacionados à raça, etnia, religião, gênero, etc., no entanto essas questões são muitas vezes ignoradas dentro do contexto escolar no que se refere ao real enfrentamento de tais dificuldades. Versando sobre tais questões, mas principalmente no que diz respeito à questão do racismo, o antropólogo Kabengele Munanga, em seu livro *Negritude: usos e sentidos* (2012), nos diz que “para ser racista, coloca-se como postulado fundamental a crença na existência de ‘raças’ hierarquizadas dentro da espécie humana.” (MUNANGA, 2012, p. 15), ou seja, o preconceito acabou

se transformando em uma ‘arma ideológica’, que, como produto das culturas humanas, tenta fundamentar e legitimar a dominação de uns sobre os outros. Historicamente relegado de sua cultura, o negro acabou assumindo a ideia de inferioridade imposta pelo colonizador europeu, visto que “a opinião ocidental cristalizara-se e admitia de antemão a verdade revelada negro = humanidade inferior.” (MUNANGA, 2012, p. 24), sendo assim, ainda em consonância com o referido autor,

Conjunto de condutas, de reflexos adquiridos desde a primeira infância e valorizado pela educação, o racismo colonial incorporou-se tão naturalmente aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que parece constituir uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista. (...) O colonizado é, assim, remodelado em uma série de negações que, somadas, constituem um retrato-acusação, uma imagem mítica. (MUNANGA, 2012, p.33-34)

Da aceitação de sua condição marginalizada, ao embranquecimento pela assimilação dos valores culturais europeus, o negro, depois de um longo processo de autorrejeição, passa a reclamar a reconquista de si mesmo, pela sua autonomia e pelo seu lugar de direito na categoria dos homens, “é preciso desembaraçar-se dessa imagem acusatória e destruidora, atacar de frente a opressão, já que é impossível contorná-la.” (MUNANGA, 2012, p. 43). De acordo com Munanga (2012) esse processo de autoaceitação leva-o à sua afirmação no âmbito cultural, moral, físico e psíquico, e é sobre esse cerne que nasce o movimento de negritude, que, para Césaire (1987, apud Munanga, 2012, p. 52), “é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura.”, podendo ser definida em apenas três palavras: identidade, fidelidade e solidariedade.

Porém, apesar dos esforços do movimento de negritude, o racismo ainda é algo largamente difundido na sociedade, a ideia de uma raça superior branca ainda prevalece, por isso deve-se crer que a educação é o melhor e mais eficaz meio para se combater o racismo por ser capaz de “oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.”(MUNANGA, 2001, p. 9)

Nesse sentido, Literatura Africana, que por muito tempo foi (ou ainda é?) marginalizada, talvez pelos resquícios de posturas colonizadoras eurocêntricas que a consideram literatura menor, hoje representa um importante papel para o universo literário assim como para educação, não somente pela obrigatoriedade imposta pela Lei 10.639/03, mas pela necessidade de se (re)estabelecer uma conexão entre o Brasil e a África, essencial para um entendimento e construção identitária do povo brasileiro que deve estar centrada na valorização do negro e no combate ao preconceito, referindo-se à luta dos negros do Brasil, à cultura negra brasileira e ao negro na formação da sociedade brasileira, assim como consta na lei supracitada que trata do ensino da História da África e dos africanos. Por esse prisma, tais conteúdos foram dispostos pelo Ministério da Educação com o intuito de criar “um conjunto de medidas e ações com o objetivo de corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro” (Diretrizes Curriculares Nacionais, 2005, p. 5 *apud* PEREIRA, 2010, p. 21).

E é por tais razões que se torna imprescindível o ensino das Literaturas Africanas nas escolas, as de expressão portuguesa em particular, não só pelo propósito centrado no reconhecimento das identidades culturais que compõe o Brasil, mas também como um método – ainda que um tanto tardio – de se combater o preconceito racial e promover a justiça social.

1.1 Grito Negro e As Mãos dos Pretos: a cor da diversidade

Tomando como contexto o ensino da Literatura no Ensino Médio, o documento *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*, instaurado em 2006, discute as questões étnico-raciais colocando o jovem “como sujeito ativo criador do seu universo plural” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 25), assim como diz também que a escola do Ensino Médio deve ser um ambiente de construção e desenvolvimento das identidades de negros(as), construindo um currículo voltado para atender à diversidade e à pluralidade das culturas africana e afro-brasileira. E nesse ponto há ainda, infelizmente, uma grande inadequação das escolas a tal necessidade, visto que, muitos educadores ainda não se sentem confortáveis para trabalhar com esses

temas, alegando falta de formação e capacitação adequada para trabalhar os conteúdos, assim como a falta de material didático específico.

A partir das discussões a respeito de uma educação antirracista, propõe-se uma metodologia do ensino da Literatura Africana no ensino médio, visando o desenvolvimento de um aprendizado que priorize o atendimento à diversidade e à pluralidade das culturas africana e afro-brasileira, visto que a Literatura, como arte, interfere na apreensão do que é real, proporcionando o autoconhecimento e o conhecimento do papel que cada um deve desempenhar em determinado contexto histórico e social. Partindo desse princípio, a Literatura Africana, no processo de formação do aluno, pode funcionar como um importante meio para (re)conhecer sua própria identidade, assim como pode transformá-lo em agente social no combate à todas as discriminações, principalmente a racial.

No que tange à busca da identidade africana, o escritor moçambicano José Craveirinha, no poema *Grito Negro*, toma a frente da luta pelo resgate da identidade do seu povo:

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e me fazes tua mina, patrão.
Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
Para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não, patrão.
Eu sou carvão
e tenho que arder sim;
queimar tudo com a força da minha combustão.
Eu sou carvão;
tenho que arder na exploração
arder até às cinzas da maldição
arder vivo como alcatrão, meu irmão,
até não ser mais a tua mina, patrão.
Eu sou carvão.
Tenho que arder
Queimar tudo com o fogo da minha combustão.
Sim!
Eu sou o teu carvão, patrão. (CRAVEIRINHA, 1980. apud PEREIRA, 2009. p. 6).

O poema representa a voz do povo que, apesar de sua condição, ergue-se contra o que o oprime. O texto pode ser utilizado em sala de aula com o propósito de instigar os alunos às questões raciais, levando-os a refletirem sobre os diversos discursos que se

inserir no poema, mostrando que o negro não se curvou à exploração do “patrão” e tinha plena consciência de sua importância como “força motriz” que ergueu com seu suor a sua e outras nações, como o Brasil, e que ao invés de se curvar, se enaltece e se orgulha de suas raízes negras, africanas. O poeta Craveirinha “representava nos versos do poema toda uma comunidade que sentia a necessidade de acabar de vez com a crueldade dos invasores, reavivando de forma definitiva a cultura do povo moçambicano.” (SANTOS, 2009. p. 5).

Ainda mais incutido nas questões raciais, no que tange ao preconceito, é o conto do escritor, também moçambicano, Luis Bernardo Honwana, intitulado *As Mãos dos Pretos*, que conta a história de um menino que tinha um grande questionamento: porque as mãos dos negros são brancas? Tal questionamento o leva a diversas explicações tendenciosas do ponto de vista do colonizador que tenta incrustar a imagem de que o negro é um ser incapaz, sem autonomia para fazer nada para e por si mesmo, buscando fazer com que o negro conforme-se com sua condição e que aceite que foi criado somente para trabalhar e servir aos seus senhores. A primeira justificativa para as mãos dos pretos serem brancas, apresentada no conto, é a da personagem do Senhor Professor, que diz que é “(...) porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo.” (HONWANA: 1980, *apud* SECCO, p. 80). Em seguida as personagens Senhor Padre, Dona Dores, Senhor Antunes, Senhor Frias e Dona Estefânia – representantes do catolicismo, que acreditavam que os africanos eram um povo sem alma, e da visão dos colonizadores sobre os negros – apresentam, respectivamente, as seguintes justificativas para as mãos dos pretos serem brancas:

(...) porque eles andavam com ela às escondidas, andavam sempre de mãos postas a rezar.(...) Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa. (...) Antigamente, há muitos anos, Deus Nosso Senhor, Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como

carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?! (...) Deus acabava de fazer os homens e mandava-os logo tomar banho num lago do céu. Depois do banho das pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo. (...) a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas. (HONWANA: 1980, *apud* SECCO, p. 80-81).

O conto leva o aluno a refletir sobre a condição do negro durante a história, visto como um ser inferior, esquecido até mesmo por Deus. Nesse ponto coloca-se o aluno numa posição de reconhecimento em relação ao outro para que ele compreenda aquele que sofre a discriminação e coloque-se e sinta-se de fato como o próprio alvo do preconceito, ou seja, tentar sentir na pele as marcas deixadas por esse processo discriminatório sofrido pelos negros. Assim feito, coloca-se em prática a leitura da última história do conto, o ponto de vista da mãe do menino, que diz que Deus fez os homens diferentes, mas com mãos semelhantes para que todos tenham consciência de que os brancos e os negros são iguais e que com suas mãos brancas podem fazer as mesmas coisas, assim como, são seres igualmente com sentimentos e com direitos iguais.

Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho. Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabe por que é que foi? Claro que não sabes e não me admira, porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obras de homens... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que, se tiverem juízo, sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos. (HONWANA, 1980, *apud* SECCO, p.81).

Nessa perspectiva, a reflexão do texto nos leva a revisitar a visão eurocêntrica do negro, mas acima de tudo permite ao aluno considerar a questão da igualdade acima do preconceito e/ou do julgamento.

2 METODOLOGIA APLICADA

Os textos foram aplicados em uma turma do 2º ano do Ensino Médio, com aproximadamente trinta alunos de idade entre 14 e 16 anos, numa escola pública da rede estadual do Estado do Amazonas. O processo teve duração de duas aulas subsequentes de 50 minutos cada. A princípio, os alunos foram dispostos em um círculo em torno da sala de aula, para facilitar a interação e para se estabelecer um processo dialógico mais aberto e íntimo entre os jovens. Em seguida, enquanto os textos eram distribuídos, os autores José Craveirinha e Luís Bernardo Honwana e um breve contexto histórico e social de Moçambique, foram devidamente apresentados aos alunos.

A escolha do poema de Craveirinha, *Grito negro*, foi devido a sua relação com as questões que envolvem a valorização da africanidade, a afirmação dos valores pregados pelo movimento da negritude, como a questão da contestação do domínio colonial, mas principalmente com o intuito de levar os alunos a refletirem sobre a discriminação sofrida pelas minorias negras. Após a leitura do poema, percebeu-se bastante interesse da maioria dos alunos, pois boa parte da turma participou do debate acerca do tema proposto, inferindo não somente acerca do poema, mas também sobre suas próprias vivências. A partir da exploração do título do poema, espontaneamente, os alunos passaram a abordar a questão da opressão e do racismo, concluindo que a cultura africana atualmente ainda é vitimizada pela sociedade. Assim quando questionados a respeito da identidade, a dicotomia presente no poema, branco/negro, os discentes acabaram relacionando suas respostas à multiculturalidade da sociedade em que eles vivem, principalmente àquelas marginalizadas, vitimadas tanto pelo racismo, quanto pelo preconceito de forma geral, colocando-se até mesmo como próprio alvo da discriminação.

No segundo momento, os alunos receberam o conto de Luís Bernardo Honwana, *As mãos dos pretos*, seguindo o mesmo processo da leitura do poema, porém nesse caso a reação dos alunos foi imediata, visto que no momento da entrega do conto, alguns deles já se pronunciaram a respeito do título do texto como sendo algo preconceituoso, pois ao invés da palavra “negros” aplicou-se “pretos”. Houve a necessidade de pedir paciência aos alunos para que as discussões fossem feitas apenas durante e após a leitura do conto. E, como pretendido, durante a leitura do conto observou-se em alguns alunos

um ar de indignação pelo que estava sendo lido e pela forma com que os negros eram vistos pelas personagens, alguns até murmuravam “que absurdo!”. Após a leitura, os discentes foram levados a opinar sobre a visão de cada personagem sobre a questão das mãos dos negros serem brancas, simultaneamente, a educadora, incutida da função de mediadora intercultural, levou-os à conscientização e a pensar na necessidade da aceitação das diversidades. À medida que foi se desenvolvendo a leitura do texto, assim como as inferências acerca do mesmo, a participação dos alunos foi se tornando mais significativa, pois além das questões raciais trabalhadas no conto, houve momentos em que as experiências pessoais dos alunos estiveram à frente da discussão, e os próprios colocavam-se tanto no papel de discriminador quanto de discriminado.

Nesse último momento, mesmo que o desenrolar da atividade tenha levado a outros assuntos presentes na vida dos jovens, como o preconceito ao homossexualismo, a questão da divisão de classes, aparência física, entre outros, o objetivo maior do trabalho, por fim, foi alcançado. Os alunos, ou ao menos a maioria que participou ativamente do debate, perceberam que aceitação das diferenças, da cultura, da raça, religião, é primordial para a melhor convivência dentro e fora da escola, pois ao serem conduzidos a enxergar e entender melhor as diferenças aprendem a aceitar o outro e, ao mesmo tempo, a conhecer melhor a si mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação desta metodologia voltada não somente ao ensino da Literatura Africana no ensino médio, mas principalmente à importância da participação da escola no combate às discriminações, levou-nos a repensar sobre as questões raciais vividas no próprio ambiente escolar e sobre como se pode, de forma ativa, combater em nós mesmos o preconceito para que assim se possa construir uma sociedade mais igualitária. Por isso é importante ressaltar que o ensino das Literaturas Africanas nas escolas se faz importante para um fazer pedagógico que leva à valorização do negro, assim como de sua cultura, pois dado o momento em que o aluno passa a ter conhecimento de sua origem e história, torna-se agente no combate ao preconceito racial em sua própria escola, assim como na sociedade como um todo. E é nesse processo que o aluno passa a

entender que o respeito vem primeiro do autoconhecimento, para só então voltar-se ao conhecimento, respeito e valorização ao outro, sendo este diferente ou não. Assim, sendo o Brasil um país híbrido, é imprescindível que o fazer educacional esteja voltado à diversidade cultural existente e que, ao invés de excluir, agregue.

Contudo, é válido ressaltar que não existem fórmulas infalíveis, mas há sempre múltiplas possibilidades e maneiras de trabalhar a temática étnico-racial em sala de aula e para que se obtenha sucesso é imprescindível que toda a escola esteja engajada nas proposições para colocar em prática a Lei 10.639/03, com o intuito de levar a uma nova visão que mude as relações sociais étnicas no ambiente escolar. Assim, deve-se agir de forma coletiva na construção de um Plano de Ação Pedagógico para que todos os membros do corpo escolar possam diminuir – até que se possa extinguir – os estereótipos e práticas preconceituosas dentro da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

GORENDER, Jacob. **Brasil em preto & branco: o passado escravista que não passou**. São Paulo: SENAC, 2000.

INÁCIO, Emerson. Negrafias: o texto negro no papel branco. In: **Arquipélago Contínuo: literaturas plurais**. Otávio Rios (org.). Manaus: UEA Edições, 2011, p. 49-64.

Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 10 de março de 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

_____. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Aautêntica Editora, 2012. – (Coleção Cultura negra e Identidades)

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação.** São Paulo: Paulinas, 2007. – (Coleção educação em foco. Série educação, história e cultura)

SANTOS, Rubens Pereira dos. **A poesia africana de língua portuguesa: compromisso com a negritude. Diálogo com a poesia brasileira.** In: Revista África e Africanidades – Ano 2 – n.6 – Agosto de 2009 – ISSN 1983-2354. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/A_poesia_africana_de%20lingua_portuguesa.pdf. Acesso em: 13 de março de 2013.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro (Org.). **Apostila de prosa das cinco literaturas africanas em Língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.** Faculdade de Letras – UFRJ.

